



É possível ser feliz sem o Outro? A lição de Joyce, o sinthoma

Maria do Carmo Dias Batista¹ (Relatora)
Antonia Claudete A. L. Prado
diasbatista@uol.com.br

Resumo: Ao se implicar na ordem simbólica, ao ser atravessado pela linguagem, o humano ingressa numa dimensão peculiar a partir da qual uma das questões que se impõe é: o que é felicidade? No final de análise, a felicidade tem algo de um saber sobre a morte com o qual o falante pode estar vivo, pronto para as diferentes circunstâncias e livre do agulhão que o impele à busca de sentido. Há um caminho que parte do sintoma para chegar ao sinthoma, ponto em que o Outro figura apenas como semblante. Se o sintoma é um recurso contra a angústia, o sinthoma é um recurso melhor. Nesse recurso melhor localizamos uma fonte de felicidade, com o sinthoma e sem o Outro.

Palavras chave: felicidade; final de análise; sinthoma.

Abstract: After accepting the symbolic order and the rules dictated by the world of language, human beings enter a peculiar dimension where a foreground question lingers: what is happiness? At the end of analysis, there is some knowledge of death as a background to the one's feeling of liveliness. One is ready for unexpected circumstances and free of the imposing search for meanings. There is a path connecting the symptom to the sinthome, a point where the Other appears just as a *semblance*. Symptoms are a resource against anxiety, but the sinthome is a far better support inasmuch it leads to a source of happiness without the Other.

Key words: happiness; end of analysis; sinthome.

Certamente, Freud não duvida, não mais do que Aristóteles, de que o que o homem busca, seu fim, seja a felicidade. Coisa curiosa, o termo felicidade, em quase todas as línguas, apresenta-se em termos de encontro - tykhe. Jacques Lacan²

Felicidade: grande enigma, um dos mais instigantes para o humano. O homem em seu estado natural não é feliz nem infeliz, está na condição de vivente como qualquer outro animal cuja finalidade é sobreviver. Assim, ele não

se depara com a dúvida, com a incerteza das escolhas e nem com a angústia. Ao se implicar na ordem simbólica, ao ser atravessado pela linguagem, o humano ingressa numa dimensão peculiar, a partir da qual as questões o acompanham enquanto vive. Entre elas, uma se impõe: o que é felicidade?

No Houaiss não há uma definição própria para felicidade. O termo é descrito como "qualidade ou estado de feliz, ventura, contentamento". De fato, não há definição universal para felicidade, o conceito deve se sustentar na subjetividade de cada um. Para Freud,

Existem [...] muitos caminhos que podem levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança³.

Em Aristóteles, a felicidade não está nas coisas, não é um dom ou uma fortuna recebida dos deuses. Difere de Platão, para quem a felicidade é um dom divino, *makariotes*⁴. Para Aristóteles, a felicidade só pode ser encontrada dentro do homem. Ela não é um estado, mas resultado da *arte do bem-viver e do bem-agir, eudaimonia*⁵, pois decorre da atividade exercida, não apenas em um espaço de tempo, mas durante toda uma vida pautada na virtude. A virtude consiste na moderação e no equilíbrio entre extremos, sem excessos nem escassez. O exercício da virtude, em si, faz o homem feliz.

A idéia grega de felicidade estável, ligada a uma disposição da alma, foi relegada a um segundo plano pela moral cristã. Retomou importância na ética contemporânea onde a felicidade é definida como estado de alma, em oposição à alegria, ao prazer e às satisfações passageiras da sensibilidade⁶.

Na hipermodernidade a felicidade segue a ética utilitarista do bem-estar, de J. Bentham, derivada da noção

de Locke e Stuart Mill: felicidade é a obtenção de prazer máximo com dor mínima. O modelo inicial do aparelho psíquico de Freud segue essa doutrina norteada pelo princípio do prazer, sendo o prazer resultado da evitação do desprazer.

Lipovetsky aborda a felicidade na sociedade hipermoderna como utilitarismo, ligado à posse do bem-estar pelo consumo, cujo estatuto está se modificando: a busca por objetos dá lugar à busca pelo lazer - turismo, academias, espetáculos, locais de diversão. A modificação do ter (posse do objeto) para o viver (posse do bem-estar) é o retrato de uma realidade hiper-hedonista⁷.

Em 1970, em *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, Lacan afirma que: "A felicidade, a menos que seja definida de modo bastante triste, ou seja, ser como todo mundo [...] a felicidade, é preciso dizê-lo, ninguém sabe o que é". Tratemos de dar corpo a essa noção mediante outro enunciado abrupto e central na teoria freudiana: não há felicidade a não ser a do falo. De acordo com Lacan, "Freud o escreveu de todas as formas [...] que nada pode ser comparado ao gozo mais perfeito, que é o do orgasmo masculino"⁸.

Embora, três anos depois, desloque o gozo fálico do lugar central, perfeito, designando-o como "o gozo do idiota", masturbatório, Lacan não faz o mesmo com a felicidade, deixando-a do lado do falo. A exceção aparece quando ele equipara a felicidade ao gozo da mulher, gozo místico, em 1973, no seminário 20. Aqui, prosseguindo nessa mesma idéia, Lacan fala sobre o zen como uma saída para o mal-estar:

No taoísmo [...] o exemplo é patente na prática mesma do sexo. É preciso reter o esperma, para ficar bem. [...] O que há de melhor no budismo é o Zen. [...] É o que há de melhor quando se quer

naturalmente sair desse negócio infernal, como dizia Freud⁹.

Consoante com Lacan, diz Agamben:

Mas, de uma felicidade de que podemos ser dignos nós não sabemos o que fazer. [...] Na antiga máxima segundo a qual quem se dá conta de ser feliz já deixou de sê-lo. [...] A felicidade tem, pois, com o sujeito uma relação paradoxal. Quem é feliz não pode saber que o é¹⁰.

Concluindo, qualquer caminho epistêmico percorrido para se definir felicidade, encontra-se como elemento comum que a felicidade decorre de uma ética.

A felicidade do *sinthoma*

Se Joyce foi feliz, certamente sua felicidade não se apoiou num eixo idealizado, pelo contrário, ela estava explicitamente fora dele. Em uma carta a Joyce, comentando o manuscrito de *Finnegans Wake*, Lacan diz: "seu livro é uma enunciação onde não se encontra um enunciado [...] comoveu-me sua acertada definição e seu bem-dizer de que a letra é um dejetivo"¹¹.

Ao considerar letra-dejeto (*letter-litter*) de Joyce um bem-dizer, Lacan aplica seu conceito de ética (ética do bem-dizer como um uso da linguagem com efeitos de *non-sense*) ao de *sinthoma*, denominando-o *Joyce, o sinthoma*. *Sinthoma*, cujo sentido é "o que faz manter junto"; de fato, Lacan junta o *bem-dizer* da letra de Joyce **com os** três registros - real, simbólico e imaginário - e assim cria o *sinthoma*. "A arte de Joyce é alguma coisa de tão particular que o termo *sinthoma* é de fato o que lhe convém"¹².

Diferente do sintoma construído a partir do Outro e fonte de gozo/prazer, o *sinthoma* se faz sem o Outro, como a

obra de Joyce. Sabendo fazer com seu sintoma, o falante se liberta do Outro e, portanto, torna-se menos ambivalente, pode rir de si mesmo e pode obter, finalmente, alguma satisfação não-neurótica.

No sintoma, o inconsciente se funda no lapso, resultado do enodamento borromeano. No sintoma, a quarta volta se dá justo no lapso do nó, efetuando a estabilização. O sintoma corrige, assim, o lapso, o rateio do nó, mantendo a salvo algo da estrutura do nó de três. O chiste, então, sendo uma formação inconsciente, resulta de um lapso, "[...] o próprio Freud articula isso, dizendo que se trata de um curto-circuito, de uma economia concernente a um prazer, uma satisfação"¹³.

O sintoma de Joyce - sua obra - funda seu nome ilustre: é o pai do nome, pai da nomeação. Fazendo-se um nome, compensa a carência paterna. O sintoma exerce a função de amarração dos três registros, abrindo, para Joyce, a perspectiva do laço social. Laço do pai ilustre, da família ilustre, da Irlanda ilustre. Aqui, é necessário esclarecer a presença do Outro na vida de Joyce, a partir, por exemplo, de sua relação com o pai. Sua obra, seu sintoma, esse sim prescinde do Outro e lhe dá satisfação. Sua escrita faz função de amarração, função do quarto nó que o protege da invasão do imaginário, do delírio e da psicose.

Há em sua obra *Finnegans Wake* a construção de uma linguagem particular, especialmente marcante, não vinda do Outro. Obra que o faz reconhecido mundialmente. Há um sentido próprio no S_1 , na seqüência dos S_1 desconectados da cadeia significante, do saber. Ele ri muito, todas as manhãs, durante os quinze anos da escrita de *Finnegans*; não era um riso solitário, era um riso dirigido ao Outro, realce do laço social estabelecido, diferente de sua obra-sintoma que faz laço sem o Outro.

A felicidade possível no final de análise

Pensamos em duas possibilidades: a felicidade fálica - passageira, universal, pertinente ao lado homem dos seres falantes - e a felicidade do *sinthoma* - singular, pertinente ao lado mulher, um pouco mais estável, resultante do uso do *sinthoma*, de sua função, de saber utilizá-lo na vida. Diz Lacan, no seminário da Ética:

A psicanálise faz toda a efetivação da felicidade girar em torno do ato genital, [...] nesse ato, num único momento, alguma coisa pode ser atingida pela qual um ser para o outro está no lugar, ao mesmo tempo, vivo e morto. Nesse ato, e nesse único momento, ele pode simular com sua carne a efetivação do que ele não é em lugar nenhum¹⁴.

A relação entre a ética do bem-dizer e a felicidade é da ordem do necessário: tanto o falo quanto o *sinthoma*, para funcionar, pressupõem o bem-dizer, o alegre dizer que não busca decifração nem sentido.

Estar suficientemente feliz na vida, como enunciou Lacan nos EUA, em 1977 - além da óbvia e irônica referência ao *american way of life* - indica uma nova posição do falante no final da análise, onde o possível seria estar feliz por estar vivo, por estar na vida, incluída aí a morte como elemento irreduzível.

Ser feliz apenas por estar vivo, sem isso nem aquilo, sem adiar ou procrastinar, porque a morte existe e não espera, costuma ser difícil para o neurótico. O imortal neurótico, com todo o tempo do passado ou do futuro à sua disposição, anula o hoje. Anula o encontro, a *tykhe*, a contingência e o possível. A análise deve levá-lo, no mínimo, a parar de temer a morte e atribuir maior valor ao

dia-a-dia, onde praticaria o bem-dizer da felicidade possível.

Assim, essa felicidade do final de análise tem algo de um saber sobre a morte com o qual o falante pode estar vivo, pronto para as diferentes circunstâncias. Ele não sonha, não imagina, nem adia. Age. E livre do agulhão que o impele à busca de sentido, pode desfrutar d'*apalavra*: poesia, corpo, amor... O *sinthoma* o ancora.

Afinal, é possível ser feliz sem o Outro?

Primeiro, é preciso se liberar do Outro, e para tanto é preciso o percurso de uma análise: o sujeito vai se desvencilhando dos significantes do Outro, do saber imposto pelos S_2 . Assim, o agora falante atravessa a fantasia para construir algo seu fundado no S_1 . Um caminho que parte do sintoma para chegar ao *sinthoma*, ponto em que o Outro figura apenas como semblante. Se o sintoma é um recurso contra a angústia, o *sinthoma* é um recurso melhor¹⁵. Nesse recurso melhor localizamos uma fonte de felicidade, com o *sinthoma* e sem o Outro.

¹ Maria do Carmo Dias Batista é Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Este texto contou com o apoio de Maria Wedna T. Henrique e Yára Valione.

² Lacan, J. (1991[1959-1960]). "Nosso Programa". In *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 23.

³ Freud, S. (1974/1930[1929]). "O mal-estar na civilização". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 104.

⁴ Makariotes: do grego, μακαριότης, felicidade. Pereira, I. [S.d.]. *Dicionário Grego-Português*. Portugal: Apostolado da Imprensa Editora.

⁵ Eudaimonia, ευδαιμόνεια, feliz. Eudeimonismo, ευδαιμονισμός - Sentido dado por Aristóteles: "o fato de julgar que um ser é feliz, esse julgamento sendo compreendido não apenas como o enunciado de um fato, mas como um julgamento apreciativo implicando o valor ético da felicidade". Aristóteles utiliza o termo grego *eudaimonia* para definir felicidade como a arte do bem-viver e do bem agir. Não deve ser confundido com louvor de um caráter, com elogio. Sentido atual: "doutrina moral tendo por princípio que a finalidade da ação é a felicidade (seja individual, seja coletiva). Este sentido é o único em uso". Lalande, A. [S.d.]. *Vocabulaire Technique et Critique de Philosophie*. Paris : PUF.

⁶ Idem. *Ibidem*.

⁷ Uma realidade que alguns especialistas concebem como, dizendo com Lipovetsky: "um novo capitalismo centrado não mais na produção material, mas no divertimento e nas mercadorias culturais. [...] Passamos para uma indústria da experiência que se concretiza numa

orgia de simulações, de artifícios espetaculares, de estimulações sensoriais...". Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal - ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 62-64.

⁸ Lacan, J. (1992[1969-1970]). "O campo lacaniano". In *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 69.

⁹ Idem. (1996[1972-1973]). "Do barroco". In *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 157.

¹⁰ Agamben, G. (2007). "Magia e felicidade". In *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editora, p. 24.

¹¹ Zentner, O. (2007). "Da correspondência Lacan-Joyce". In *Joyce - Lacan: o Sinthoma*. Recife: Intersecção Psicanalítica do Brasil Editora, pp. 331-341.

¹² Lacan, J. (2007[1975-1976]). "Joyce e as falas impostas". In *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 91.

¹³ Idem. *Ibidem*, p. 94.

¹⁴ Idem. (1991[1959-1960]). "A demanda de felicidade e a promessa analítica". *Op. cit.*, p. 360.

¹⁵ Quanto à questão sobre o que é felicidade, lembramos Ram Mandil, quando retomou a função do sintoma como sendo um bom recurso para lidar com a angústia, porém, indica o *sinthoma* como recurso melhor. Mandil, R. (2008). Trabalho apresentado na X Jornada da CLIPP: O sintoma na clínica hoje, Associada ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo, São Paulo, em agosto de 2008.